

# Boi, clima e ironia: a confluência de riscos envolvendo o discurso jornalístico e as mudanças climáticas

**Ana Maria Dantas de Maio**

Doutora; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Corumbá, MS, Brasil  
anamaio@uol.com.br

## Resumo

O discurso jornalístico sobre mudanças climáticas nem sempre associa esse fenômeno à agropecuária, considerada uma de suas causadoras. Em enunciados que vinculam a pecuária ao aquecimento global foi possível verificar o uso da ironia como mecanismo para atrair a atenção de interlocutores e instaurar uma conduta de vigilância ambiental. O objetivo do artigo é investigar como o discurso jornalístico posiciona-se em relação ao binômio pecuária/mudanças climáticas em diferentes momentos. O estudo é qualitativo e o suporte teórico-metodológico utilizado foi a Análise de Discurso, da escola francesa, reforçado pela Análise Crítica de Discurso, que permite avaliar aspectos ideológicos presentes na fala. Os resultados indicam que as circunstâncias sócio-históricas condicionam a elaboração desses discursos, sugerindo diferentes usos e funções para essa figura de linguagem. Conclui-se que o discurso irônico pode representar um risco, caso o receptor não compreenda a contradição entre sua interface absurda e sua seriedade explícita.

## Palavras-chave

Discurso jornalístico. Mudanças climáticas. Pecuária. Ironia. Análise de discurso.

## 1 Introdução

Embora as mudanças climáticas sejam tema frequente nas mídias neste início de século, nem sempre as matérias publicadas por tradicionais veículos de comunicação

associam o problema a um dos setores responsáveis pela emissão de gases de efeito estufa, a agropecuária. É o que observa uma pesquisa de mestrado defendida recentemente envolvendo a revista *Veja* e o jornal *O Globo*. De acordo com Neiva, “[...] os veículos de comunicação de massa não agregam de forma efetiva o setor agrícola em sua agenda, pouco o incluindo nas reportagens publicadas sobre mudanças climáticas.” (NEIVA, 2016, p. 115).

De acordo com o levantamento realizado pelo pesquisador, apenas 3% das matérias sobre mudanças climáticas publicadas no jornal e na revista estavam vinculadas, exclusivamente, ao setor agrícola. Ele observou, também, que “Praticamente todas as fontes utilizadas nas reportagens de *O Globo* e *Veja*, que tratavam da agricultura em relação às mudanças climáticas, eram internacionais [...]” (NEIVA, 2016, p. 116).

Essa avaliação surpreende, posto que o Brasil tem assumido compromissos internacionais para reduzir a emissão de gases de efeito estufa – e a pesquisa agropecuária do país tem se desenvolvido consideravelmente nesse sentido. Sendo assim, o estudo qualitativo busca mostrar, por meio da Análise de Discurso (AD) e, mais precisamente, pela Análise Crítica de Discurso (ACD), como essa questão vem sendo problematizada por alguns veículos de comunicação.

As análises discursivas são pontuais e não devem ser generalizadas. Gil pontua que “Se as pesquisas nas ciências naturais com frequência conduzem ao estabelecimento de leis, nas ciências sociais não conduzem mais do que à identificação de tendências.” (GIL, 2011, p. 6). O objetivo deste artigo é desvendar como o discurso jornalístico posiciona-se em relação ao binômio pecuária/mudanças climáticas em dois momentos distintos, não só para a pesquisa agropecuária como também para o país.

Os resultados indicam que os dois discursos analisados utilizam-se da ironia – uma figura de linguagem bastante sofisticada – para emitir opinião, chamar a atenção dos interlocutores, cobrar atitudes e indicar desconfiança, conforme será visto adiante. O discurso irônico aparece como orientação marcante e central no áudio gravado em 2009 pelo jornalista Arnaldo Jabor e, também, como um recurso atrativo – e sutil – em matéria veiculada pelo jornal *O Globo* em 2016. Embora os estilos jornalísticos sejam diferenciados – um do gênero opinativo e formatado para ouvintes e o outro informativo, preparado para leitura em tela –, é patente que o contexto histórico, social, político, cultural e científico em que foram produzidos condicionou forma e conteúdo.

## 2 Procedimentos metodológicos

A análise de discurso da escola francesa é uma abordagem teórico-metodológica que permite investigar e compreender os sentidos que envolvem o processo discursivo, desde sua produção até sua recepção. Para Orlandi (2001, p. 117),

A análise de discurso não é um método de interpretação, não atribui nenhum sentido ao texto. O que ela faz é problematizar a relação com o texto, procurando apenas explicitar os processos de significação que nele estão configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando. Compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação.

Por isso, a chamada AD valoriza a contextualização imediata e as circunstâncias sócio-históricas que envolvem e/ou determinam a enunciação: quanto mais informações o analista tiver a respeito das condições de produção e de recepção dos discursos, maior precisão conseguirá na pesquisa. Partindo dessa premissa, o holandês Teun van Dijk desenvolve, desde a década de 1980, uma perspectiva diferenciada de teorização e análise, centrada em aspectos ideológicos e com farto instrumental metodológico.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação de análise do discurso que estuda, em primeiro lugar, o modo como o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político. (VAN DIJK, 2005, p. 19).

O detalhamento da ACD será desenvolvido na próxima seção. Por enquanto, a descrição dos procedimentos metodológicos segue apresentando o modo como esse estudo chegou aos resultados. A pesquisa bibliográfica configura-se como mecanismo referencial (e natural) para a elaboração deste artigo, especialmente por viabilizar o cruzamento de perspectivas teóricas e analíticas complementares, o que otimizou a análise.

Duas peças comunicativas foram estudadas: um texto opinativo do colunista Arnaldo Jabor (2009), veiculado pela Rádio CBN, e que aborda a produção e o consumo de carne e seus impactos no meio ambiente; e uma matéria publicada pelo site do jornal *O Globo*, em janeiro de 2016, divulgando uma nova metodologia aplicada em pesquisas envolvendo a mensuração de gases de efeito estufa emitidos pela pecuária (GRANDELLE, 2016). A primeira tornou-se pública antes de o Brasil articular a rede Pecuária<sup>1</sup> – que reuniria a

<sup>1</sup> A rede de pesquisas Pecuária, articulada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), reúne, desde 2010, dezenas de pesquisadores que estudam a dinâmica dos gases de efeito estufa em sistemas de produção presentes nos diferentes biomas brasileiros, em busca de uma pecuária sustentável, pautada pelos aspectos econômico, social e ambiental (EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA, [2010?]).

partir de 2010 pesquisadores dispostos a aprofundar o conhecimento em torno do tema. A segunda, por sua vez, é veiculada no momento em que essa rede completa seu primeiro ciclo de pesquisas, com boa parte dos resultados publicados – um deles divulgado pela matéria supracitada<sup>2</sup>. Paralelamente, nesse período, o Brasil passa a assumir compromissos para reduzir a emissão de gases de efeito estufa nas COPs (Conferências das Nações Unidas sobre o Clima), especialmente em relação à energia e à agropecuária. Os cenários científico e político podem ajudar a compreender o contexto em que a coluna de Jabor e a matéria de *O Globo* foram veiculadas.

A escolha dos dois enunciados foi intencional. Eles foram localizados por meio do site de buscas Google, entre o final de abril e início de maio de 2016. Arnaldo Jabor é cineasta, cronista, escritor e colunista de vários veículos de comunicação. “A forma irônica como comenta assuntos pertinentes sobre atualidades se tornou sua marca registrada.” (VILAÇA, 2012, p. 3). Em 2008, foi contemplado pela pesquisa Barômetro da Imprensa como o profissional mais admirado pelos pares.

Renato Grandelle, que assina o outro texto, é um jornalista jovem (faixa de 30 anos), contratado pelo Grupo Globo em 2008, e que vem se dedicando à cobertura de temas como ciência e meio ambiente. Em 2013 ganhou o prêmio Jornalistas & Cia/HSBC de Imprensa e Sustentabilidade por uma série de reportagens sobre os desafios dos parques nacionais brasileiros. Tanto a CBN quanto o jornal pertencem ao Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do país.

### 3 ACD: vestígios que marcam posições

A proposta de ACD, desenvolvida por van Dijk (2005), sugere um rastreamento sobre “estruturas de superfície” de enunciados para que eventuais vestígios possam ser localizados e confrontados com posições ideológicas demarcadas no processo de enunciação<sup>3</sup>. O autor explica que os significados estão expressos nessas estruturas de superfícies, ou seja,

[...] em unidades lexicais concretas, na estrutura das orações e das frases, nas categorias sintáticas, na ordem das palavras, na entoação do discurso, em estruturas gráficas e na organização das macroestruturas em esquemas

<sup>2</sup> A reportagem baseia-se em um artigo científico publicado em janeiro de 2016 (edição digital) e maio de 2016 (edição impressa) na revista *Nature Climate Change* por um grupo de pesquisadores da rede (SILVA et al., 2016).

<sup>3</sup> Fiorin explica que “Enunciação é ação de enunciar, ou em outras palavras, o ato de dizer. [...] O enunciado, portanto, é aquilo que é dito, é o produto da enunciação. Temos o dizer e o dito, ou seja, a enunciação e o enunciado. O ato de dizer, a enunciação, produz um dito, que é o enunciado.” (FIORIN, 2013, p. 48).

convencionais, como os da narração, da argumentação ou do relato noticioso na imprensa. (VAN DIJK, 2005, p. 207).

Em outras palavras, todas as pistas e sinalizações perceptíveis no discurso, além, obviamente, dos contextos em que foi produzido e recepcionado, tornam-se objeto da análise crítica. Outra característica fundamental da ACD é priorizar temas ligados a problemas sociais, posto que as relações de poder são discursivas. Além disso, é mister compreender a noção de modelos mentais bastante utilizada pelo autor, uma vez que eles seriam o elo entre discurso e ideologia.

Van Dijk aponta que “Os modelos são representações mentais de acontecimentos, acções ou situações vividas pelas pessoas, ou sobre os quais elas lêem.” (VAN DIJK, 2005, p. 119). Seriam, assim, uma espécie de repertório pessoal de experiências. Investigar os modelos que envolvem jornalistas e receptores é um requisito importante para a prática da ACD. Por serem subjetivos e únicos, podem ser considerados também flexíveis, ou seja, um leitor pode interpretar de formas distintas o mesmo enunciado dependendo das circunstâncias envolvidas no ato da recepção.

Um dos aspectos mais característicos da análise crítica de discurso é a polarização, que confronta, ideologicamente, Nós x Eles. Segundo van Dijk (2005, p. 222),

Esta polarização está na base da maior parte do discurso ideológico, quer dizer, enquanto estratégia de auto-apresentação positiva e de apresentação negativa do outro. Se as ideologias envolvem valores, elas manifestam-se tipicamente como crenças avaliativas ou opiniões.

Na prática, essa polarização constrói-se de duas maneiras: destacando os valores positivos e as qualidades do Nós (endogrupo) e os defeitos e aspectos negativos dos outros (exogrupo); ou minimizando as imperfeições do endogrupo e as informações favoráveis ao exogrupo. Essa dinâmica permite verificar discursos ideologicamente enviesados e intencionalidades nem sempre explícitas.

A ACD vislumbra, ainda, olhares atentos para a semântica, a lexicalização, a sintaxe e a retórica, elementos textuais e estilísticos que denunciam escolhas. A forma como um assunto é apresentado, por exemplo, diz muito sobre a posição ideológica do enunciador. Para van Dijk (2005), os tópicos – informação mais importante de um discurso – exprimem mais do que o simples conteúdo emitido: indicam valores defendidos pela autoria. Graficamente, uma informação em posição tópica aparece destacada, como em títulos, olhos<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Olhos são palavras, frases ou expressões, geralmente destacadas na diagramação, com tipo de letra maior e distribuídas entre a massa de texto, com o objetivo de realçar aquela informação.

e lides, geralmente em espaços iniciais de textos. Ao topicalizar uma informação, o enunciador imprimiria a ela um status de nobreza, com chances de leitura amplificadas. Em áudios, essa definição torna-se menos perceptível.

Tanto a AD quanto a ACD mostram-se muito atentas ao implícito e ao não-dito (silêncio), que representam importantes indicadores discursivos. “[...] as opiniões ideológicas não estão sempre expressas de forma explícita. Isto é, muito frequentemente elas estão implícitas, pressupostas, escondidas, negadas ou são dadas como adquiridas.” (VAN DIJK, 2005, p. 222)

Para Orlandi, estudiosa da AD, há diferença substancial entre o não-dito (que ela chama também de silêncio) e o implícito: “[...] nós distinguimos silêncio e implícito, sendo que o silêncio não tem uma relação de dependência com o dizer para significar: o sentido do silêncio não deriva do sentido das palavras.” (ORLANDI, 2007, p. 66). Ou seja, o silêncio, ou o não-dizer, têm significados próprios na análise de discurso.

Já o implícito abre uma brecha para dar a entender o que deixou de ser dito, sem o peso de assumir a responsabilidade do dizer. Também é característica do implícito certa indução do dito ao não-dito e vice-versa. A ironia apropria-se do implícito para fazer sentido. Antes de problematizar essa figura de linguagem, é pertinente retomar o conceito bakhtiniano de dialogismo, segundo o qual “[...] um discurso se constitui em oposição a outro. Portanto, ele é heterogêneo: um discurso mostra a si mesmo e seu contrário.” (FIORIN, 2013, p. 64).

Quando um discurso seleciona determinadas formas de dizer, ele está descartando outras que se deslocam para a esfera do não-dito. O dialogismo – ou interdiscurso – pressupõe que não existe discurso puro, isto é, uma palavra e/ou uma frase só são possíveis de serem ditas porque outras palavras e outras frases já adquiriram sentido anteriormente, tornando-se referências. O discurso em elaboração pode explicitar o anterior (geralmente por meio de citações) ou torná-lo implícito. Há, no entanto, a ilusão de que o autor do discurso seja original, devido à naturalidade com que essa polifonia é operacionalizada. De acordo com Orlandi, “Em sua definição, o interdiscurso é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido.” (ORLANDI, 2012, p. 59).

O discurso irônico encontra-se ancorado nos princípios do interdiscurso ou dialogismo. De acordo com Franceschini (2012, p. 3),

[...] a ironia pode ser compreendida sob a perspectiva de uma contradição e, ao lidar com a contradição, podemos observá-la enquanto fenômeno polifônico, uma vez que este fenômeno prova a existência do enunciador, faz ouvir uma voz e distingue locutor e enunciador<sup>5</sup> [...] nesse sentido, portanto, a ironia opõe o que está dito com o que de fato se quis dizer [...].

A questão do duplo dizer é crucial para o entendimento do discurso irônico, bem como os vestígios rastreados nas estruturas de superfície. Ainda segundo Franceschini (2012, p. 3), “[...] o locutor não assume como seu o que foi dito e, dadas as impressões deixadas no momento da enunciação, será possível perceber a distinção entre o enunciador sério e o enunciador absurdo [...]”. O dizer absurdo é aquele que tem a função de chamar a atenção dos interlocutores, enquanto o dizer sério permanece implícito, um recado transmitido ironicamente.

Esse jogo discursivo só será efetivado se o receptor captar essa alternância de vozes e formalizar uma dupla leitura – o que nem sempre ocorre. Além disso, é imprescindível que o contexto histórico-social seja compartilhado no processo comunicativo e que os modelos mentais das partes coincidam. Trata-se, assim, de uma figura de linguagem requintada e complexa, elaborada por meio da polifonia e que pode criar efeitos de sentido ambíguos.

#### 4 O discurso irônico, o alerta e a dúvida

Quando o jornal *O Globo* acrescenta aspas para destacar uma palavra do título como, por exemplo, *Pecuária pode contribuir para “limpar” a atmosfera*, uma construção textual irônica é proposta e pode se concretizar ou não, dependendo do processo de recepção. Para van Dijk (2005), algumas estruturas retóricas do discurso podem sugerir formas de controle ideológico no processo que prevê realçar aspectos positivos do endogrupo e minimizar qualidades do exogrupo.

No discurso jornalístico, as aspas costumam demarcar o início e final de citações de entrevistados. Para Franceschini (2012), em geral o locutor utiliza esse sinal gráfico para delimitar um distanciamento em relação ao que será dito por outro sujeito da enunciação. É o que se observa no tópico do primeiro discurso avaliado: o autor parece não avalizar a ideia aspeada. O tópico prossegue com uma construção semântica que pode remeter à ironia ou

---

<sup>5</sup> Essa distinção conceitual entre locutor e enunciador é relevante para a AD e tem sido explorada por diversos teóricos. Charaudeau atesta que a identidade do sujeito falante é desdobrada em duas componentes: a identidade social de locutor e a identidade discursiva de enunciador. “O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos.” (CHARAUDEAU, 2008, p. 115). De acordo com Ducrot, “[...] o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor.” (DUCROT, 1987, p. 192) E, segundo Orlandi (2001, p. 104), também baseada em Ducrot e Foucault, “[...] o locutor é aquele que se representa como ‘eu’ no discurso; o enunciador corresponde às perspectivas com que esse ‘eu’ se apresenta [...]”.



não: *pesquisadores encontram forma de tornar atividade ambientalmente correta*. A análise crítica do discurso aponta que as escolhas lexicais do enunciador poderiam indicar uma manobra científica dos pesquisadores para atestar a viabilidade ambiental da pecuária.

Como elemento discursivo valorizado, o tópico é constituído, ainda, pela fotografia que ilustra a matéria, ou seja, o discurso visual. A imagem mostra o gado disperso em área de transição do Cerrado para a Amazônia – de acordo com descrição da própria legenda. É composta pelos animais em primeiro plano, proporcionalmente reduzidos em relação à floresta que se apresenta ao fundo, formada por árvores gigantes (Figura 1). Contudo, o que chama a atenção na composição é a névoa que recobre a paisagem, sugerindo a ideia de fumaça (ou gases) que, por sua vez, remete à noção de poluição e contradiz o sentido de “limpeza” da atmosfera expresso e, sutilmente, questionado no título.

**Figura 1** - Foto que ilustra a matéria do site do jornal *O Globo*, jan. 2016



Fonte: GALDIERI (2016)

O conjunto topicalizado, por si só, representa uma formulação irônica, no sentido de estabelecer o confronto de ideias contraditórias. Indica que a perspectiva de limpeza da atmosfera só seria possível se aplicada a nova forma – ou metodologia – de mensurar a emissão de gases testada pelos pesquisadores. Até então, a identificação do endogrupo e do exogrupo permanece pouco evidente. Ela começa a se delinear a partir da redação do lide (primeiro parágrafo) e será observada de acordo com a análise da sintaxe textual proposta por van Dijk (2005).

Logo na primeira linha, a pecuária é apresentada como *uma das maiores vilãs do meio ambiente*, seguida da explicação que justifica a reportagem: *a pecuária pode contribuir para retirar gases de efeito estufa da atmosfera*. Em seguida, o autor constrói o enunciado a



partir das falas dos pesquisadores, atribuindo a esses sujeitos toda a informação sobre a nova metodologia – curiosamente, por alguma decisão editorial, o texto aboliu o uso das aspas para introduzir e finalizar manifestações de entrevistados, adotando apenas um travessão para marcar essas citações.

Algumas frases, no entanto, são postas – e assumidas – pelo próprio enunciador, como: *O Brasil é o maior exportador de carne bovina do mundo; A invasão da agropecuária do Cerrado rumo à Amazônia causou danos visíveis à floresta; E o Cerrado foi devastado; Cada boi emite anualmente cerca de 57 quilos de metano*; entre outras. Elas antecedem uma série de dados numéricos sobre a emissão de dióxido de carbono e metano, dois dos gases de efeito estufa, estimada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

A elaboração do enunciado segue, portanto, uma determinada sequência sintática: apresentação da novidade científica, entrevistas com pesquisadores para a explicação da metodologia, contextualização sobre o impacto da pecuária no Cerrado, dados técnicos sobre a emissão de gases de efeito estufa pela pecuária, mais entrevistas com pesquisadores para apresentar eventuais soluções para o problema e perspectivas da ciência para expandir o método para outros biomas.

Nessa sequência é possível avaliar, com auxílio da ACD, possíveis posicionamentos ideológicos de autoria, envolvendo não apenas o repórter que assina o texto - Renato Grandelle - como também toda a composição do endogrupo (nós): o jornal *O Globo* e os ambientalistas, citados em uma frase que associa a ideia de *pecuária inibida* à de *processo natural de recuperação*. O discurso ambiental se faz presente no texto, mesmo sem a manifestação formal de seus representantes.

A caracterização discursiva do exogrupo (eles) é bastante discreta, sendo perceptível apenas em função das aspas – indicando o afastamento do enunciador no título – e das escolhas lexicais associadas à prática da pecuária no Cerrado e na Amazônia, assumidas pelo enunciador (*invasão da agropecuária; danos visíveis à floresta; Cerrado devastado*). Em geral, o enunciado procura transmitir a noção de equilíbrio discursivo, com a expressão de vozes e ideias antagônicas. A polarização entre as qualidades do endogrupo e os danos teoricamente provocados pelo exogrupo (simbolicamente representado pela pecuária e pelos estudiosos que pesquisam sua viabilidade) é apresentada e reforça-se, de forma branda, diferentemente do modo como é construída a outra narrativa, declamada pelo colunista Arnaldo Jabor na rádio CBN.

O texto falado não exhibe aspas ou quaisquer outros sinais gráficos que possam ser decifrados pela ACD, apenas elementos sonoros. Diferentemente de textos impressos, o áudio também não apresenta títulos ou estruturas tópicas claramente identificáveis. Esse hiato inviabiliza atribuir ao início do enunciado a relevância proposta na ACD, especialmente em textos opinativos, nos quais a presença do lide é descartável. Seria intuitivamente prudente topicalizar os trechos em que a voz manifesta-se com entonação e ritmo diferenciados, justamente para chamar a atenção do interlocutor. O articulista revela domínio sobre os mecanismos expressivos do discurso radiofônico, como ritmo, repetições, entonações, pausas e silêncio. Sua identificação com o estilo irônico é tão profunda que a própria voz de Jabor parece corroborar o encontro do sério com o absurdo. Ele diz sem dizer.

O jornalista inicia seu discurso buscando uma aproximação com seu interlocutor: *Amigos ouvintes*. Em seguida, sintoniza o assunto que vai abordar com grandes temáticas de interesse da humanidade: *eu falo da economia? Não. Eu falo das guerras? Não. Eu falo de ecologia. Ahhh! Trata-se do desmatamento da Amazônia? Não. Nem do futuro racionamento de água, também não.*

Essa introdução, dita pausadamente e de forma cadenciada, gera certa expectativa nos ouvintes. A partir desse momento, o colunista começa a terceirizar a responsabilidade sobre o que será dito: *Eu leio nos jornais; está escrito; os especialistas calculam que; os cientistas calculam que...* Como em qualquer enunciado jornalístico, Jabor apresenta suas fontes de forma não nominal e pouco explícita, porém, ele diz se basear em outros discursos, evidenciando o dialogismo.

A princípio, em função do próprio tom irônico, o enunciador parece descontente com a limitação de consumo de carne. *Está escrito: temos de comer no máximo 400 gramas por semana de carne, ou seja, quase nada. Por que?* A resposta é a deixa que o colunista utiliza para descrever a explicação técnica que envolve as emissões de gases de efeito estufa e as alterações climáticas. O alto nível argumentativo logo se desfaz e abre espaço para nova mudança de tom.

Jabor recorre, agora, a outro recurso retórico para criticar a produção de carne, apelando para as flatulências bovinas: *Se comermos muita carne, morrem as florestas, e mais: os rebanhos aumentam. E, senhores, com licença da palavra, os puns dos bois e vacas farão uma crescente sinfonia de gases sufocando o planeta.* O uso de metáforas, sinestésias, hipérboles, onomatopeias e da própria ironia configura-se como um padrão estilístico

comumente explorado por colunistas, na tentativa de facilitar a compreensão de comentários sobre temas, na maioria das vezes, complexos.

A ironia volta a se incorporar ao discurso quando Jabor enuncia: *Ou seja, depois de milênios de lutas, esforços, guerras, paz, grandes invenções, a arte, a cultura, a ciência, a razão, todos os orgulhos da humanidade, tudo isso poderá ser destruído pelos puns. Isso! Pum! Pum! Pum! Parará pum pum* (fala em ritmo cantarolado, remetendo à sinfonia anunciada anteriormente). A voz implícita da seriedade chama a atenção para a gravidade do problema das mudanças climáticas; no entanto, o dito – no âmbito do absurdo – restringe-se à ideia de que o futuro da humanidade estaria comprometido em função de puns.

No trecho seguinte, Jabor reitera o tom irônico, ao afirmar: *Quem diria. Achávamos que acabaríamos em guerra total, em ataques de et's ou queda de asteroides. Não... Seremos destruídos, entre outras besteiras humanas, pelos punzinhos de inocentes boizinhos*. A escolha lexical da expressão “*inocentes boizinhos*” compõe uma metáfora pejorativa, sugerindo um viés ideológico que ridiculariza produtores e consumidores de carne. Jabor expõe sua crítica sem interpelar, diretamente, o exogrupo.

Paralelamente – e essa atribuição de sentidos pode variar entre enunciatários –, a crítica do jornalista dá margem a diferentes interpretações sobre o status das mudanças climáticas. A ironia presente nesse último trecho permite inferir que 1) o colunista menospreza o próprio debate a respeito do aquecimento global, subestimando sua relevância diante de outras catástrofes mais glamourosas (guerras, ETs e asteroides); ou 2) ao contrário, ele nivela o fenômeno das mudanças climáticas às grandes tragédias que ameaçam o planeta. O significado, nesse caso, estará diretamente vinculado aos modelos mentais compartilhados entre enunciatador e enunciatário. Eis um efeito colateral do discurso irônico.

Ao final, o colunista – revestido de uma pseudoautoridade capaz de julgar o destino de todos – decreta em tom de desdém: *Aliás, pensando bem, a humanidade não merece muito mais que isso*. Mais uma vez, Jabor expõe o absurdo para sugerir o sério: o homem corre riscos reais se não adotar medidas para controlar o aquecimento global e ele é responsável por essas ações.

Assim como no enunciado de *O Globo*, a identificação do endogrupo e do exogrupo não fica tão evidente. A ironia, expressa por meio da arquitetura da voz, aponta indícios que sugerem uma identificação do colunista com a corrente ambientalista, porém, o uso

escrachado da fala irônica imprime certa imprecisão nessas vinculações, justamente porque os modelos mentais do autor e do receptor podem não coincidir.

No entanto, a diferença de tratamento nos dois enunciados, em relação ao escracho e à sutileza, pode ser explicada por variações nas condições de produção do discurso, incluindo o estilo próprio de cada enunciador, o objetivo que eles quiseram imprimir ao enunciado, o estímulo que podem ter recebido dos veículos e/ou dos interlocutores, entre muitos outros. Uma observação, entretanto, precisa ser considerada: o contexto imediato e as condições sócio-históricas que envolveram a enunciação eram distintos, embora o tema abordado fosse similar.

Ao proferir seu texto, em 2009, Jabor vivenciava um país preocupado com o aquecimento global, porém, ainda descomprometido formalmente com ações de mitigação e controle. O discurso ambientalista confrontava as vozes desarticuladas do setor produtivo, até então mais preocupado em se organizar para defender suas terras de possíveis ocupações. A ciência no Brasil começava a se mobilizar para entender como e com que intensidade a pecuária interferia nas mudanças do clima. A Rede Pecus surge no ano seguinte, 2010, unindo especialistas no assunto. O padrão escrachado do colunista costura esse cenário e atua como uma cobrança social por atitudes.

No ano em que *O Globo* publica a matéria aqui avaliada, as circunstâncias são outras. O governo brasileiro assume metas ambiciosas, como reduzir em 37% as emissões de gases de efeito estufa até 2025 e em 43% até 2030, tendo como base o ano de 2005. As pressões internacionais aumentam e a própria ciência é instada a responder a esses desafios, mostrando os primeiros resultados depois de cinco anos de pesquisas agropecuárias específicas. O país adota um novo Código Florestal em 2012, período de conflitos entre ambientalistas e produtores rurais. Os primeiros atuam de forma ainda mais organizada, com discursos vigilantes e exigentes, enquanto os pecuaristas dividem suas preocupações entre os riscos de invasões, a queda da rentabilidade<sup>6</sup> e a necessidade de investir em tecnologias para manter seus negócios.

O enunciado de *O Globo* reflete bem esse contexto: divulga a descoberta científica; coloca em dúvida que a pecuária possa contribuir para “limpar” a atmosfera; apresenta as visões antagônicas; e indica que não restam muitas saídas aos produtores senão abandonar práticas incompatíveis com esse novo cenário.

---

<sup>6</sup> Buller (2016, p. 140) apresenta um gráfico que mostra a queda na rentabilidade das vendas ao longo da expansão agropecuária e afirma que o aumento nos custos de insumos é um dos responsáveis por esse resultado.

Se a ironia na fala de Jabor tem a função de despertar para o problema e cobrar atitudes, no texto de Grandelle, por sua vez, ela remete a uma postura de vigilância/desconfiança – será mesmo que a pecuária pode contribuir para reduzir a emissão de gases de efeito estufa? Trata-se de um comportamento natural diante de descobertas científicas inovadoras e que questionam paradigmas: a vilã pode virar mocinha? Nos dois casos, o uso da figura de linguagem é legítimo e cumpre funções linguísticas e discursivas.

## 5 Considerações finais

Embora não seja tão comum a associação midiática entre a agricultura e as mudanças climáticas (NEIVA, 2016), o impasse entre a produção de carne e as tentativas de controlar a emissão de gases de efeito estufa é exposto, ocasionalmente, por veículos de comunicação. A ACD desenvolvida neste artigo revela o viés ideológico de vigilância embutido em textos jornalísticos.

Concepções teóricas e metodológicas da AD e da ACD foram aplicadas em dois enunciados, um áudio da Rádio CBN assinado pelo colunista Arnaldo Jabor, no qual ele trata da relação carne x meio ambiente; e uma matéria divulgada pela versão online do jornal *O Globo*, que aborda a aplicação de uma nova metodologia para mensurar a emissão de gases de efeito estufa pela pecuária. Nas duas construções discursivas foram identificadas pistas indicando o uso da ironia como forma de atrair a atenção de interlocutores e de se posicionar, criticamente, em relação ao assunto.

A ironia, tida como um estilo de linguagem que exige perspicácia e modelos mentais compatíveis de emissores e receptores, vem sendo utilizada, ao longo do tempo, como chamariz para discursos jornalísticos polêmicos – inclusive do gênero opinativo. Nos enunciados analisados, essa figura de linguagem apresenta-se como elemento retórico de destaque, o que justifica seu estudo mais aprofundado.

A ACD expõe o conflito entre as visões ambientalista (endogrupo) e produtiva (exogrupo), explicitadas na contextualização. A construção dos enunciados – bem como a leitura sugerida neste artigo, entre tantas outras possíveis – indicam o uso da ironia associado menos ao humor e mais à crítica. O sujeito enunciativo do discurso opinativo opta pela ironia escrachada e realçada pela entonação da voz e pelo ritmo da fala (*Pum! Pum! Pum! Parará pum pum*). Já o enunciado do site *O Globo* apresenta uma ironia discreta,

aspeada e perceptível apenas aos interlocutores conscientes do contexto em que se desenvolve toda a discussão.

Dessa forma, não cabe atribuir juízo de valor aos discursos irônicos, visto que eles cumprem uma função linguística e coadunam com o universo jornalístico. Cabe a discussão, no entanto, sobre a efetividade do uso dessa figura de linguagem para estimular o debate a respeito de temas relevantes para a agenda contemporânea. Ao que tudo indica, enquanto elemento retórico com função impactante, a ironia conseguiria despertar o interesse do público para os enunciados em questão – o que, de certo modo, a legitima. Já os efeitos de sentido que esse modelo estilístico é capaz de proporcionar – a partir de dizeres explícitos e implícitos defendendo posições antagônicas e da necessidade do enunciatário compreender o contexto – podem ficar comprometidos. Em suma, o discurso irônico envolve um risco que alguns jornalistas experientes estão dispostos a assumir e que nem todos os receptores terão condições de mitigar.

## Referências

- BULLER, Luz Selene. **Diagnóstico emergético das mudanças de uso da terra e proposta de recuperação de uma área do Cerrado**. 2016. Tese (Doutorado em Engenharia de Alimentos) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia de Alimentos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Portal da rede de pesquisa Pecus**. São Carlos, [2010?]. Disponível em: <<http://www.cppse.embrapa.br/redepecus/?q=objetivos>>. Acesso em: 5 maio 2016.
- FIORIN, José Luiz. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, Roseli (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 45-78.
- FRANCESCHINI, Bruno. A crítica político-social no discurso irônico em “A omissão que mata” de Ruth de Aquino. **Linguagem**, São Paulo, v. 18, p. 1-19, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/028.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2016.
- GALDIERI, Dado. **Gado disperso em área de transição do Cerrado para a Amazônia**. 22 jan. 2016. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/pecuaria-pode-contribuir-para-limpar-atmosfera-18518644>>. Acesso em: 26 abr. 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GRANDELLE, Renato. Pecuária pode contribuir para 'limpar' atmosfera. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 jan. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/pecuaria-pode-contribuir-para-limpar-atmosfera-18518644>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

JABOR, Arnaldo. Sobre carne e meio ambiente, **Rádio CBN**, São Paulo, mar. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7zeU8ti-p7o>>. Acesso em: 2 maio 2016. Canal Youtube/Internet.

NEIVA, Rubens Antonio. **Mudanças climáticas na mídia**: jornalismo e agricultura no contexto do aquecimento global. 2016. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Curso de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 101-118.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: nos movimentos dos sentidos. 6. ed. Campinas: Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

SILVA, Rafael de Oliveira et al. Increasing beef production could lower greenhouse gas emissions in Brazil if decoupled from deforestation. **Nature Climate Change**, London, v. 6, p. 493-497, 2016. Disponível em: <<http://www.nature.com/nclimate/journal/v6/n5/full/nclimate2916.html>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na análise crítica do discurso. Famacão: Campo das Letras, 2005.

VILAÇA, Jullyana Neri. O discurso de Jabor na crônica "O Castelão de Edmar e o feudalismo". **Linguagem**, São Paulo, v. 18, p. 1-20, 2012. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao18/artigos/012.pdf>>. Acesso em: 4 maio 2016.

## **Ox, climate and irony: the convergence of risks involving journalistic discourse and climate change**

### **Abstract**

It is not always that journalistic discourse related to climate change links this phenomenon to agricultural and husbandry, which are considered one of its causes. In statements that link



husbandry to global warming it was possible to find the use of irony as a means to attract the attention of interlocutors and instate an environmental vigilance conduct. This article aims to investigate how journalistic discourse stands in relation to husbandry/climate change duo at different points in time. The study is qualitative and its theoretical-methodological foundation is provided by the French-school Discourse Analysis (DA), reinforced by Critical Discourse Analysis (CDA), which allow the ideological aspects present in speech to be evaluated. Its results indicate that social-historical circumstances constrain the expression of these discourses, suggesting that there are different uses and functions of this figure of speech. The conclusion is that ironic discourse can pose a risk if the receiver does not understand the contradiction between the absurd interface and the implied seriousness.

### **Keywords**

Journalistic discourse. Climate change. Husbandry. Irony. Discourse analysis.